

O CANOEIRO

"Tu serás sempre um canoeiro, um canoeiro,
sem remédio, sem lâmpadas elétricas..."

Crônica de RUBEM BRAGA



Rev. Globo
26.11.49

289

NÃO, tu não serás jamais um homem de navio. Passageiro de terceira ou passageiro de primeira, tu, que não enjoas, que amas o mar sôbre tôdas as coisas, tu nunca terás alma de passageiro.

Na terceira classe funciona uma sanfona. Um velho alemão faz gemer a sanfona. Tem os bigodes brancos e ruivos, enormes. A cara é triste, magra e parada, cara de velho doente. Dança-se. Quem dança? E' um homem de 43 anos; uma mulher de 38. Gorda, rosada, usada. Dançam. A dança é bávara. E' fidalga e alegre. Mas o homem e a mulher são apenas imigrantes que imigram. Riem-se de si mesmos, visivelmente. Outra mulher velhota canta. Também é gorda, mas sua voz é fina.

No salão da primeira ouvimos piano, violino e bateria. Tocam fox e marchas. Dança-se. O navio é lento. A noite é suja. Não há estrêlas, nem um belo vento forte noturno, um sudoeste raivoso que fizesse a noite escura gemer.

As luzes do navio vão iluminando as águas. Mas as luzes de bordo chegam fracas dentro d'água, a água mal iluminada pela luz elétrica é feia. Tu serás sempre um canoeiro, um canoeiro, sem remédio, sem lâmpadas elétricas.

Uns enjoam, outros dormem. Há quem toque e quem dance — e tu não danças nem tocas, nem dormes nem enjoas. Tu apenas reparas que a água do mar, a coisa mais linda, aparece feia e triste sob a luz elétrica de bordo.

Na terceira do Lloyd Brasileiro os homens dormem no porão. Os beliches estreitos são alinhados em dois andares e enchem de mais o porão.

O ar tenta entrar por cima e pelas vigias. Mas não consegue penetrar neste ar de dentro, pesado, sujo, quente, úmido, com um cheiro sufocante de sarro, de mercadorias, de porão.

Há homens demais nos beliches, homens dormindo ao lado de homens, entre homens, sôbre homens. Uns suam, outros rezam antes de dormir, outros dormindo dizem palavras feias em dialetos que ninguém entende. Uns dormem completamente vestidos, outros completamente nus, outros não dormem. Ficam no beliche exíguo olhando a fraca lâmpada elétrica acesa perto de sua cara, vendo os corpos dos outros homens se mexendo nos outros beliches. As mulheres estão em outros compartimentos do porão. Muitos se julgam pessimamente instalados em suas camas em um porão tão cheio. E' engano deles. E' necessário não esquecer que sobrou gente lá para cima, junto da proa, onde o navio joga demais e o vento é irritantíssimo quando chove.

Gasto meia hora conversando com um tuberculoso suíço. Conta mistérios a respeito de certas mulheres que vão a bordo. Ah, certas mulheres já bem maduras da classe intermediária... Ele viu alguma coisa. Em sua opinião o leite das vacas suíças é excelente e a vida não presta. Tu nada entendes a respeito de vacas, e pouco a respeito de vida.

O baile da primeira classe acabou, os passageiros vão para os camarotes. Quatro frades fumam cachimbos, conversam em alemão e gargalham em alemão. Deixemos abertas as vigias do camarote. Permitamos que o companheiro ronque. Fechemos o livro, a luz, os olhos. Amanhã cedo será Vitória. Hoje o sol morreu em Cabo Frio, atrás do rochedo tão alto. O mar estava belo, havia um nordeste embora fraco. O sol se espalhou em sangue no mar. Vieram tubarões. Tubarões, acaso o sangue do sol moribundo vos assanhou? De todos os sangues só tu, sangue do sol, não assanhas os tubarões, pois és apenas sangue de luz. Fecha o livro, as vigias, a luz, os olhos, fecha. És um canoeiro, nada além de um canoeiro.

